

SABERES ANCESTRAIS II

Cidade, memória e conflitos urbanos

**Eduardo Rocha¹,
Adriana Portella² e Fernando Freitas Fuão³**

Esta edição da *Revista PIXO* dá continuidade ao dossiê *Saberes Ancestrais*, aprofundando o debate a partir das relações entre cidade, memória e conflitos urbanos. Reunindo entrevistas, textos autorais, artigos acadêmicos, ensaios visuais e experimentações poéticas, este número afirma os saberes ancestrais como práticas vivas, situadas e atravessadas por disputas territoriais, ambientais e epistêmicas que marcam as cidades contemporâneas. Ao deslocar o foco para o contexto urbano, o dossiê reconhece as cidades como espaços onde esses saberes são historicamente tensionados, silenciados e apropriados, mas também continuamente reinscritos, reativados e reinventados no presente.

As imagens que compõem as capas desta edição antecipam essa reflexão. A paisagem marcada por cortes e extrações, revelando camadas expostas de terra e tempo, não figura apenas um cenário de exploração, mas evidencia o território como arquivo estratificado. A ancestralidade, ali, não aparece como passado idealizado, mas como memória resistente inscrita nas próprias camadas da paisagem. Ler esta edição é também exercitar esse olhar: perceber, sob as superfícies do urbano contemporâneo, os vestígios, as persistências e as forças que insistem em permanecer.

Ao longo da edição destes números da *Revista PIXO*, tornou-se evidente que os saberes ancestrais não podem ser compreendidos apenas como patrimônios vinculados a identidades fixas ou a grupos específicos. O contato com textos, imagens e práticas tão diversas revelou que a ancestralidade diz respeito, sobretudo, a **modos de produzir conhecimento enraizados no tempo, no território e na sustentação da vida**, atualizados continuamente em contextos de conflito, deslocamento e reinvenção. Se povos indígenas e comunidades negras ocupam lugar central nesse debate, isso não se deve a uma exclusividade conceitual, mas ao fato histórico de terem sido aqueles que mais resistiram aos processos de apagamento, epistemicídio e despossessão, mantendo vivos saberes que hoje se mostram fundamentais para pensar cidade, memória, crise climática e futuros possíveis. Nesse sentido, a experiência editorial reafirma que os saberes ancestrais não pertencem ao passado, mas constituem forças ativas de leitura crítica e de produção do presente.

Na seção **Entrevistas**, o número se abre com *Histórias de lutas e resistências de uma liderança indígena*, conduzida com **Kátia Silene Costa Valdenilson / Tõnkyre Hõnpryre Akrātikatêjê**, que articula trajetória pessoal, memória coletiva e cosmopolítica indígena, evidenciando a centralidade da água, da terra e da floresta como fundamentos da vida, da educação e das formas de resistência frente aos processos históricos de violência, deslocamento e exploração territorial na Amazônia Oriental. A seção é

complementada pela entrevista *A arquitetura do espaço-tempo ancestral – A memória e identidade coletiva*, de **Babalorixá Henrique Cortes, Daniela Braga Santos e Henrique Rodrigues Cortes**, que discute a ancestralidade como dimensão constitutiva do espaço, abordando as relações entre tempo, memória e identidade na produção do território. Em conjunto, as entrevistas deslocam a centralidade do urbanismo técnico e da arquitetura normativa, recolocando a ancestralidade como fundamento ético, político e espacial das formas de habitar e produzir a cidade.

Em **Autor@s Convidad@s**, a edição apresenta *Malokas pan-amazônicas – O hakolo Enawene Nawe*, de **Fernando Freitas Fuão e Rafaela Bonotto**, que investiga a arquitetura indígena como expressão de cosmologia, organização social e relação indissociável com o território. Em diálogo com essa dimensão espacial e simbólica, *A força do êxodo numa poética visual*, de **Paola Wickboldt Fredese e Renata Azevedo Requião**, propõe uma leitura sensível do deslocamento, da paisagem e do reconhecimento por meio da imagem. Já *Clima em escuta*, de **Adriana Portella e Sinval Xavier**, aborda metodologias participativas da floresta como resposta às emergências climáticas, articulando saberes indígenas, práticas colaborativas e futuros possíveis. Esses textos operam como dispositivos de abertura conceitual do dossiê, tensionando fronteiras entre arquitetura, arte, território e política.

O núcleo **Artigos e Ensaios** reúne **18 artigos**, compondo um amplo conjunto de pesquisas que atravessam conflitos urbanos, saberes das águas, práticas alimentares, territorialidades indígenas e negras, políticas da memória, visualização espacial e insurgências epistêmicas. Integram este núcleo os artigos *Saberes tradicionais diante da crise climática – Memória, resistência e futuro nos manguezais urbanos*, de **Julia Jochims, José R. Kós e Kércia P. F. Peixoto**; *Narrativas ancestrais na Sapucaí – Identidades e memórias do carnaval carioca*, de **Eduardo Oliveira Soares**; *A persistência da colonialidade do poder na universidade pública – Entre o silenciamento e a resistência*, de **Sandreia Fonseca**; *Ambientes de parturição – Uma linha do tempo e seus impactos simbólicos, físicos e culturais*, de **Monique Denoni, Natalia Naoumova, Laura Silveira Sarturi e Gabriela Schranck Pacheco**; e *Entre o real e o imaginário – Uma leitura de Patos de Minas através de seus lugares e suas lendas*, de **Ana Luísa Gonçalves Silva e Adriano Tomitão Canas**.

Também compõem o núcleo *Agroecologia e cidades – Saberes ancestrais em movimento*, de **Renata Michelin Cocco, André Augusto Araújo Oliveira, Maria Sylvia Baptista Serra e Tomás Antonio Moreira**; *Vamos comer patrimônio? – Saberes ancestrais e experiências-fruições no agora*, de **Flávia Sutelo da Rosa e Paulo Edison Belo Reyes**; *Cidade, arquitetura e presença negra – Como o passeio do Batuque ocupa espaços no centro de Porto Alegre/RS*, de **Rafael Cristaldo**; *Indígenas mulheres e as lutas territoriais urbanas – Considerações a partir de uma revisão de literatura*, de **Giulia Ferreira Alberti e Daniele Caron**; *Caminhos da regeneração – Os conhecimentos indígenas e as cidades em tempos de emergência climática*, de **Kércia Priscilla Figueiredo Peixoto e José Ripper Kós**; e *Água, território e memória – Saberes ancestrais e a reinvenção da gestão hídrica nas cidades do semiárido*, de **Jáfia Catarina Freitas Mendes**.

Completam o conjunto *Futuros ancestrais na arquitetura – Realidade virtual destinada a crianças e adolescentes para a valorização do morar ribeirinho amazônico belenense*, de **Bárbara Faciola Pessoa Baleixe da Costa, Luiz de Jesus Dias da Silva, Paulo André Dantas Silva e Maria José Andrade**; *A cidade pelas bordas – Comida de rua, ancestralidade e a colonialidade*, de **Letícia de Fátima Durlo Coutinho**; *Saberes situados – Diálogos entre patrimônio biocultural, insurgências epistêmicas e questões climáticas*, de **Marina Lages Gonçalves Teixeira, Gabriela Delisangela Andrade e Kamyla Jannine Costa Barros**; *A taipa de mão como saber ancestral – O Museu José*

¹ Pesquisador no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU), da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

² Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo e Laboratório de Estudos Comportamentais da Universidade Federal de Pelotas, Brasil / Research Centre for Urban Studies, Heriot-Watt University, UK. E-mail: adriana.portella@ufpel.edu.br

³ Pesquisador no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura (PROPAR), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Antônio Pereira e a resistência da arquitetura vernacular em Campo Grande/MS, de **Vivianne Maria de Freitas**; *Cartografias tangíveis e saberes indígenas – Visualização espacial e justiça climática*, de **Sinval Xavier**, **Luiza Félix Dalla Vecchia** e **Adriana Portella**; *Reflexões sobre os movimentos culturais periféricos – A cena do hip hop em Pelotas/RS*, de **Pedro Henrique Bosquetti dos Santos** e **Luana Pavan Detoni**; e, **encerrando o núcleo**, *Saberes ancestrais e futuros possíveis – Caminhos críticos para pensar Antropoceno, capitalismo e tecnologia*, de **Gabriela Delisangela Andrade**, configurando um campo plural de leituras sobre ancestralidade, conflito e reinvenção do urbano contemporâneo.

A seção **Parede** reúne **nove trabalhos** que ampliam o campo sensível e experimental do dossiê, afirmando a superfície como lugar de inscrição, memória e afetação. Em *Ancestralidade escrita – Grafias poéticas na cidade palimpsesto*, **Júlia Thomé de Oliveira** explora a escrita como gesto ancestral inscrito no espaço urbano. *Entre ruínas e raízes*, de **Iara Girollo et al.**, articula tempo, memória e natureza a partir da paisagem de São Lourenço Mártir, enquanto *Mãe Castanheira, uma herança ancestral*, ensaio fotográfico de **Silvia Helena Cardoso**, propõe uma leitura visual sobre território, cuidado e permanência.

A dimensão do arquivo, da memória e da resistência aparece em *Arquivo vivo*, de **Gabriele Vargas**, e em *Kilombo urbano canto de conexão*, de **Bárbara de Bárbara Hypolito**, que aborda o quilombo urbano como catalisador de transformação territorial em Pelotas/RS. As relações entre água, memória e sensibilidade emergem em *Perfeita memória das águas*, de **Caroline Silva Souza**, enquanto as cosmologias afro-brasileiras atravessam *Sem Bará não existe caminho*, de **Kryssia Gantes Soares**, afirmando a ancestralidade como princípio de orientação, proteção e circulação no território urbano. Os conflitos ambientais e territoriais aparecem de forma explícita em *No a la mina*, de **Daniela Vieira Goularte**, e em *Entre cerros e camadas – Paisagem, ancestralidade e sobreposições na Patagônia*, de **Silvia Helena Cardoso**, **Eduardo Rocha** e **Daniela Vieira Goularte**, ensaio que também compõe as capas desta edição, encerrando a seção com uma reflexão visual e política sobre paisagem, extração e camadas de tempo.

Ao reunir esse conjunto diverso de materiais, a *Revista PIXO* reafirma seu compromisso com a escuta de saberes plurais e com a construção de um campo crítico atento às tensões entre cidade, memória e vida coletiva. *Saberes Ancestrais II* se apresenta como continuidade e aprofundamento de um ciclo editorial que reconhece os territórios urbanos como espaços de conflito, mas também de reinvenção, cuidado e resistência. Como gesto de encerramento — e também de abertura — este número convida a uma leitura atenta e situada, na qual textos, imagens e vozes possam ser percorridos como quem atravessa um território vivo, marcado por camadas de tempo, disputas e possibilidades de futuro.